



**RADICCI APRESENTA DEMO VIA LET'S GO:  
O COLONO FALASTRÃO NO RÁDIO**

**Cida Golin**

**Com a colaboração de Camila Moschen, Luiz Fernando Oliveira,  
Gustavo Deon e Bárbara Salvatti**

Universidade de Caxias do Sul

Quem entra na cidade de Caxias do Sul pela rodovia RS 122 visualiza o personagem dos quadrinhos Radicci num luminoso publicitário de telefonia celular, avisando, peremptório, que esta é a sua terra. Se chegar pelo lado oposto, na antiga entrada oficial, via BR 116, vai se deparar com um monumento em homenagem à imigração italiana esculpido por Antônio Caringi, artista conhecido pelas obras públicas de cunho épico no Rio Grande do Sul. Ali, no alto do morro, o casal de colonos, metaforicamente em pedra, vislumbra a região a ser conquistada.

Sexta-feira, final de tarde, Radicci encontra-se, de novo, ao telefone, desta vez no estúdio da rádio Atlântida FM de Caxias do Sul. Espera o chamado do ouvinte, interlocutor do improvisado:

*-Aaaaaalôôôôôôôôôôôô gurrrrrrrizaaaaaada...*

Começa o barulhento programa *Demo via let's go*, pouco sofisticado como seu anfitrião, que deve durar pelo menos uma hora, até a parada oficial da Voz do Brasil.

O gringo Radicci nasceu em 1983 acompanhando um expressivo movimento de rememoração da herança cultural dos camponeses imigrantes na região colonial da serra gaúcha. À época, refletindo o interesse institucional criado em torno centenário da imigração italiana (1975) e a nova geografia das relações econômicas e diplomáticas, assistiu-se à difusão da garimpagem genealógica e dos pedidos de dupla cidadania. A língua do colono, sonoridade da casa natal, feita de sotaque, memórias e afeto, ganhou legitimidade nos palcos,



nos jornais, nos programas radiofônicos em dialeto de tipo vêneto (*talian*), fusão esta do português e das diversas experiências lingüísticas que os imigrantes trouxeram da fragmentada Itália oitocentista.

Radicii foi criado pra ser uma espécie de síntese do nosso colono italiano em uma época que ser colono era uma vergonha. É um anti-herói, gordinho, baixinho, careca e peidorreiro, amante do vinho e do ócio, bem diferente do imigrante pintado e cantado pela história oficial.

A sua mulher, Genoveva, é a Mamma, figura centralizadora e obstáculo entre o Radicii e um garrafão de vinho. Uma espécie de Pentágono, também sujeita a ataques terroristas do marido. Desta simbiose não muito harmônica surge Guilhermino, o filho. Vive em conflito com o pai por diversos motivos. Suas posições políticas vão do vermelho Che Guevara ao verde maconha, deixando seu pai, fã de Benito Mussolini, roxo de raiva. Roqueiro e ecologista, sempre sujeito aos tiros do pai caçador. Pra completar, tem o Nôno, patriarca sabe-se lá de quem? Elo de ligação entre o passado e o presente, ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, foi piloto de caça. Só não lembra para qual lado. Detalhes...

Tudo isso escrito em uma nova linguagem. O *sotacón* é a transposição da fonética para a grafia do “zeito” que as pessoas da Serra Gaúcha falam. Não é português, não é italiano, não é dialeto, é uma nova língua, o *sotacón*. Porco Zio!<sup>1</sup>

Em linhas gerais, seguindo o discurso do cartunista Iotti, Radicii sintetiza o contraponto ao modelo de imigrante italiano construído pela interpretação da complexa experiência imigratória, cujo estratégia simbólica de representação<sup>2</sup> atualiza-se, a cada dois anos, na Festa da Uva. Sabe-se, pelas narrativas orais e historiográficas, o lento percurso de assentamento dos camponeses estrangeiros num território íngreme, no domínio da natureza selvagem, com poucas ferramentas além da falta de alternativas de sobrevivência, da perseverança e de uma forte crença na religião católica, responsável por grande parte da sociabilidade do período. Para preencher o vazio cultural provocado pelo traumatismo da imigração, a espiritualidade, o dialeto, os costumes, tradições, festas e rituais religiosos foram decisivos no cotidiano comunitário<sup>3</sup>. Em termos simbólicos e de escolha identitária, elegeu-se uma “espécie de predestinação étnica do italiano para o trabalho”<sup>4</sup>, o apego ao ofício e ao dinheiro como marcas do ideal de um herói fundante, uma resposta à demanda histórica que convocou o imigrante.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Iotti, Carlos Henrique. 2001, p.5.

<sup>2</sup> Ribeiro, Cleodes Piazza. 2000, p.54

<sup>3</sup> Manfró, Olívio. 1999, p.52

<sup>4</sup> Maestri, Mário. 1999, p.191

<sup>5</sup> Cesa, Ana Lúcia et al. 2000, p.147

## Dos quadrinhos para as AMs e FMs

Radicci nasceu no papel em tiras cômicas feitas para os jornais diários. O suporte, no entanto, limitara um dos elementos mais significativos do riso provocado pelo tipo: o sotaque, o jeito (“zeito”) da sua fala. Nos quadrinhos era possível apenas transportar para a grafia a troca cotidiana do *g/j* pelo *z*, o *ão* pelo *on* e vice-versa, uma mistura, por si só, sonoramente engraçada.



Em resposta a pedidos insistentes, o livreiro e mentor do grupo teatral *Miseri Coloni*, Arcângelo Zorzi (Maneco), a radialista Iara Soares e o jornalista Dhynarte de Borba e Albuquerque interpretaram esquetes da família Radicci para emissoras de rádio. O problema residiu na caracterização do protagonista, pois Maneco lançou mão daquilo que domina bem, ou seja, o autêntico dialeto de tipo vêneto. Iotti, por sua vez, insistiu tanto que Radicci possuía apenas o sotaque carregado, e não o dialeto preciso, que acabou assumindo um aspecto físico de sua criatura no rádio: a voz, algo tão decisivo na construção da figura quanto o traço no cartum. Para isso, valeu-se do improviso. Segundo o depoimento do cartunista, era só anotar uma palavra no papel que já desencadeava a estrutura imaginária do enredo. Aproveitou também para interpretar a personalidade ecológica e alternativa do jovem Guilhermino, abusando do sotaque arrastado da gurizada porto-alegrense.<sup>6</sup>

Das vinhetas e dos esquetes foram surgindo os diversos programas de rádio: *Everybody tutti quanti* (Studio FM), narração de Fórmula 1, jornadas esportivas, *Qua comando mi*, um vespertino de música às sextas-feiras, além de outro programa na extinta Felusp da região metropolitana de Porto Alegre. Houve o tempo do *Radicci Onze e Meia*, uma

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Carlos Henrique Iotti em 20.08.2002



paródia de *Jô Onze e Meia* em horário nobre da manhã na rádio Caxias AM. Como um bom descendente de italianos que preza a massa e o vinho, Radicci recebia seus convidados em um restaurante e os transformava em platéia para os 15 minutos de fama do entrevistado. Após concorridas sessões iniciais do programa, *Radicci Onze e Meia* voltou para o estúdio e, até o encerramento, entrevistou cerca de 500 pessoas da comunidade. Hoje pode ser encontrado na rádio Atlântida de Caxias do Sul, no final das tardes de sexta-feira, em *Demo via let's go*, além de aparições eventuais no programa noturno Show dos Esportes da rádio Gaúcha AM.

### **O colono falastrão**

Mesmo sendo algo que escapa à rigidez do discurso acadêmico e vive da desconfiança a qualquer tentativa de apreensão formal, o cômico serviu de motivo a longas reflexões teóricas e estéticas. O dramaturgo gaúcho e pesquisador Ivo Bender revisou a questão dos elementos propiciadores do riso desde a *Poética* de Aristóteles. Para este filósofo grego, que esboça o contorno da comédia em contraponto à experiência do trágico, o herói cômico seria visto como a imitação de alguém inferior, um herói que apresenta falhas ou vícios risíveis. Esses personagens rebaixados aparecem sob a figura de bufões, fanfarrões, impostores ou pessoas aparentemente estúpidas.<sup>7</sup> A história da comédia é construída pela exposição do lado ridículo de deuses, heróis ou simples mortais, um leque de falhas, vícios ou defeitos que cresce na medida em que o gênero evolui.<sup>8</sup>

Na releitura de Aristóteles, Bender expõe que o riso pode surgir apenas do discurso em mecanismos da homonímia, sinonímia, repetição, paródia, transferência e modo de falar. Também é possível alcançá-lo pelas ações de engano, assimilação para pior ou vice-versa, pelo impossível ou inconseqüente, eventos contrários ao horizonte do espectador, pelo rebaixamento de heróis, deuses, instituições ou pela dessacralização da filosofia e do pensamento.<sup>9</sup> Se na tragédia o herói age sozinho, na comédia o “outro” é uma presença recorrente. Como escreve Bender, os criados, a família ou amigos servem como duplos ou cúmplices na obtenção do objetivo do protagonista.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> Bender, Ivo. 1996, p.23-26

<sup>8</sup> Bender, Ivo. 1996, p.34-37

<sup>9</sup> Bender, Ivo. 1996, p.30-33

<sup>10</sup> Bender, Ivo. 1996, p.37-39



A comicidade se manifesta na adesão ao humano. Ou seja, “se o homem é o único animal que ri, ele é, por outro lado, o objeto primeiro do riso. Por isso mesmo, animais, vegetais ou coisas somente são matéria de riso no momento em que podem ser associados, de um modo ou de outro, ao homem ou à sua interferência.”<sup>11</sup> Ao percorrer diversos autores que se aprofundaram na questão, como Henri Bergson, Freud ou Vladimir Propp, Bender conclui que o riso, zombador ou punitivo, cruel ou não, parte sempre da constatação de um desvio ou de uma transgressão percebidos a partir de um paradigma partilhado entre os participantes.<sup>12</sup>

Se aplicarmos os quesitos teóricos do herói cômico ao anti-herói Radicci, vamos encontrá-lo em diálogo permanente, exercitando o caráter falastrão. Ao trazer à tona o que durante muito tempo precisou ser oprimido – o colono mal-educado -, alcança o riso ao expor, no exagero, uma faceta grosseira do imigrante italiano e a sonoridade da relação com a língua portuguesa (sotaque-dialeto). Seus interlocutores nos gibis (*Gibizón*), livros e nas tiras publicadas em jornais diários (Pioneiro, Zero Hora, Diário do Povo/PR, O Estado do Paraná e Jornal de Santa Catarina) prolongam elementos recorrentes que configuram a estilização dos elementos étnicos da região; realçam a gritaria típica das comunidades de descendentes italianos, o apego pela família, pela casa, pela comida, o tino comercial, a influência da religião católica, além da famosa avareza dos gringos e sua paixão pelo futebol. A trama repetitiva ilumina o rude horizonte de uma colônia na cronologia circular (passagem das estações, marcos rituais da Páscoa, Natal, Ano-Novo, Carnaval, Quaresma). Eventualmente, alguns eventos circunstanciais, de caráter econômico ou político, ou mesmo mudanças culturais e de sociabilidade, surgem nas histórias, atualizando o personagem na agenda do leitor.

Pouco afeito ao trabalho pesado e aos hábitos higiênicos, obsessivo por um copo de vinho e um rabo-de-saia, Radicci encontra-se em conflito intermitente com a mulher e o filho, dentro de um universo em que a família é um bem supremo. Ao parodiar o regional caricato, contrapõe-se a um dos valores mais caros desse contexto –o trabalho -, ao mesmo tempo em que reafirma os valores de simplicidade, seduzindo o público pela espontaneidade dos sujeitos autênticos. Tais deslocamentos, entre outros mecanismos, funcionam como estimuladores do riso. O conjunto das histórias de Radicci, beneficiando-se em parte da ambigüidade típica da

---

<sup>11</sup> Bender, 1996, p.53

<sup>12</sup> Bender, 1996, p.55-60



paródia<sup>13</sup>, eleva dois sentidos ao mesmo tempo: valoriza a idiossincrasia regional e, pelo distanciamento, faz seu comentário pela sátira. Afinal, nas palavras reticentes de Iotti, “o italiano é um povo (...) que não se leva demais a sério. Ele sabe rir de si, (...)ri da sua própria miséria, da sua própria desgraça e fatura com isso.”<sup>14</sup>

Outro cartunista, Augusto Frank Bier (2001), esmiuçou Radicci e o alemão Blau em tiras publicadas simultaneamente em 130 edições de um semanário porto-alegrense entre 1987 e 1989. Na sua dissertação, revelou a potencialidade do humor como sistema de representação para o resgate da identidade étnica, um mecanismo capaz de reverter dores e feridas em prazer mnêmico, condescendência e relativo afastamento. Bier chamou a atenção para o fato de que os dois personagens surgiram na década de 80, quando se assistiu a uma revitalização da cultura nativa no Rio Grande do Sul a partir do estereótipo do gaúcho campeiro, forjado nas lutas de fronteira, na lida com o gado e na miscigenação entre lusos, castelhanos, nativos e africanos.<sup>15</sup> A criação dessas figuras apontou para um cenário mais verossímil, dando conta da complexidade do mosaico étnico da região sulina.

## O sotação

Um dos elementos fundamentais do humor de Radicci é o modo de falar, uso parcial do dialeto e a ênfase no sotaque do colono, característica presente até hoje na região de Caxias do Sul. Trata-se de um recurso que dá graça aos quadrinhos, mas que ganha maior proporção nas experiências radiofônicas na medida em que o veículo proporciona maior fidelidade à sonoridade das brincadeiras. Segundo Nivaldo Ferraz, o humor da palavra falada, ao ferir convenções da língua oficial pela mistura de culturas e de dialetos, sempre teve uma grande tradição no Brasil. O som da palavra (trocadilho e outros recursos) gerou um universo de fusões e inversões de sentidos no cotidiano.<sup>16</sup> Na medida em que lança mão da brincadeira com o sotaque e da criação de neologismos, em especial no rádio, é possível aproximar parcialmente o colono caxiense de outros personagens históricos da galeria da linguagem macarrônica. O primeiro e mais famoso foi Juó Bananère, cronista da revista *O Pirralho* (entre 1911 e 1915)

---

<sup>13</sup> Cf. Linda Hutcheon. 1989, pg. 67; 81 ou o artigo *A paródia no rádio* de Maurício Tavares

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Iotti em 20.08.2002

<sup>15</sup> Bier, Augusto Frank. 2001, p.35

<sup>16</sup> Ferraz, Nivaldo. 2001, p. 180



de Oswald de Andrade, que satirizava acontecimentos políticos e sociais do período misturando italiano e português, ao modo dos bairros paulistanos do Brás, Bexiga, Barra Funda e Bom Retiro, e que resultou, segundo Monteiro Lobato, no “paulistaliano”. Conforme Nivaldo Ferraz, até o final dos anos 30 a ironia cotidiana de Juó Bananère sintonizou a fusão cultural do italiano e do matuto caipira. O cronista gravou discos com seus textos e deixou para o rádio a missão de popularizar a fala anárquica <sup>17</sup> de quem não poupou farpas aos notáveis do seu tempo como o marechal Hermes da Fonseca ou o poeta Olavo Bilac.

No tempo de Bananère, entre 1924 e 1925, na longínqua cidade de Garibaldi, na serra gaúcha, o jornal *Stafetta Riograndense* distribuía para cerca de cinco mil colonos italianos as aventuras em série de Nanetto Pipetta. Concebido pelo franciscano Aquiles Bernardi, o jovem e inquieto personagem estabelecia uma identificação com seus leitores a partir da experiência da imigração, a chegada na ameaçadora zona rural, e o desejo da *cucagna* (fortuna), ou seja, encontrar em vida imaginário reino de ascensão, riqueza e delícias. Usando de sua vivência pastoral, Bernardi criou os folhetins para o riso e o entretenimento com tom simples e a coloquialidade dos falares dialetais.<sup>18</sup> Em linhas gerais, vale realçar que, assim como Radicci, Nanetto Pipetta funciona como um anti-herói, neste caso um aventureiro, alguém que vive em conflito com um “dos paradigmas ético-ideológicos valorizado pelo herói coletivo (*o povo imigrante*) – o trabalho”.<sup>19</sup>

Por problemas internos à Congregação, as aventuras de Nanetto Pipetta foram suspensas e o herói afogado no rio das Antas, frustração máxima do imigrante, ou seja, a morte sem a benção sacramental.<sup>20</sup> Durante a Segunda Guerra, o seriado circulou em livro, mas sofreu a severa interdição do Estado Novo que apelara para o projeto de nacionalização dos falares e dos hábitos. Nos anos 60, a trama ressurgiu através da criação de um novo personagem, Nino, irmão de Nanetto; na década do centenário da imigração (1975), Pipetta voltou aos jornais, ganhou o rádio nos anos 80 pela interpretação de Pedro Parenti e pode ser encontrado, ainda hoje, no *Correio Rio-Grandense* (*antigo Stafetta Riograndense*) em seriados assinados por diversos autores. Cada episódio das aventuras em dialeto vêneta é lido

---

<sup>17</sup> Ferraz, Nivaldo. 2001, p.119

<sup>18</sup> Piazza, Cleudes. 2001, p.43

<sup>19</sup> Piazza, Cleudes. 1978, p. 44 (grifo acrescido pelo autor deste artigo)

<sup>20</sup> Entrevista concedida por Frei Rovílio Costa ao bolsista CNPq Luiz Oliveira em 28.03.2003.



por Maneco no programa dominical *Cancionissima* da rádio São Francisco AM (Caxias do Sul).

Se Bananère ou Pipetta são resultados de uma experiência mais profunda com o dialeto e a mistura sonora das línguas, Radicci limita-se ao *sotacón*, um português feito da troca de determinados sons (*g/j* pelo *z*, *ão* pelo *on* e *vice-versa*, *ch* por *c*), o problema no uso do */r/* (*gurrizada* – *caroça*) e algumas esparsas palavras italianas para avivar a origem.

Ma pra non fuzi do nostro tema, vômo falá di una cosa que é una marca rezistrada di nostra zente: il galetto. A arte de empalá sobre o fogo questos bípides emplumados faz di nostra rezióun un posto special nell mondo. Ma a história ainda non fez zustiça aos verdadeiros inventores do tal galetto al primo canto. Pois enton vomos aos fato: tutto incomincia com os primeiros imigrantes vênnetos. Un bando di sem-tera esfomeados que aportaram no Rio Grande. Desculpe a franqueza, mas questa turma veio, literalmente, morta di fome! Cegaram por questas grotas (si signor, qua era unas grotta que dava medo perché as tera buona ficam com os alemón que me vierram antes e se estabelecerram nas margens do Rio dos Sinos) e se atracaram a plantá. Na Itália, país que solenemente deu um pé na bunda desta zente, non tinha molta comida e non dava pra todo mondo. Como o Nanetto Pipetta, os primeiros imigrantes vierram com a intençon de encontrá a tal fortuna. Levaram algumas horas, aço io, para se darrem conta da fria que se meterram, ma aí zá era tarde... Ma una cosa questa terra tinha di buona. Qua tinha farturra di comida e até do céu cai cosa di comê. Me falo dos pinhón e dos passarrinho.<sup>21</sup>

## O Radicci sou eu

É difícil separar o Radicci sonoro do gráfico. Geralmente, os ouvintes têm como referência a figura dos quadrinhos, *griffe* expandida para diversos produtos (cadernos, camisetas, embalagens de queijo ralado etc), o que reduz em muito a capacidade imaginativa em relação ao apresentador do programa radiofônico. O curioso ocorre quando Carlos Henrique Iotti interpreta o personagem em espetáculos ao vivo. Precisa demarcar a distância do papel e do som, impondo sua aparência física a um sujeito definido pela careca, pela barriga e barba mal feita. “Esqueçam o que vocês sabem, eu sou o Radicci; posso não parecer,

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

mas sou eu”<sup>22</sup> A experiência no rádio, ampliada para apresentações em público, aproximou ainda mais o cartunista do espelho, à construção de si próprio através de seus personagens num conhecido recurso autobiográfico. Sabe-se que tanto Radicci quanto Guilhermino são alter egos do autor, adotando seus hábitos de pesca, de corrida, as vivências no bairro Bom Fim de Porto Alegre e no centro de Caxias do Sul.

O Radicci gráfico necessita de um cotidiano metódico, de paciência, de luz adequada, de um bom nanquim e das canetas em ordem. Como diz seu autor, é um trabalho de ourivesaria. Num espaço curto e limitado - que varia de 23cm x 7,6cm , ou de 28cm x 8,1cm, ou 30cm x 9cm -, é preciso, todos os dias, criar uma história e uma piada com início, meio e fim. Se a idéia não chega, a solução é resgatar alguma tira do arquivo de 20 anos e “requentá-la”. Depois, desenhar a lápis, corrigir os defeitos, finalizar com o bico-de-pena, desenhando cada detalhe, como a barba do personagem, pontinho a pontinho.<sup>23</sup>

No rádio, Iotti esquece a paciência e o trabalho metódico. Abre o microfone e já começa a berrar, fala o que vem na cabeça, não há nada escrito, apenas a certeza de que o ouvinte aparece e o personagem improvisa. Durante o *Radicci Onze e Meia*, quando encontrou a platéia ao vivo, vivenciou um dos fundamentos da criação humorística refratados pelo jornal ou pelo estúdio. A presença do público, na comédia, é um fator relevante, interfere no texto. O ato público, instituído na celebração ruidosa, é um elemento fecundo para o gênero cômico.<sup>24</sup> Nivaldo Ferraz lembra que o auditório é o termômetro da piada. Recuperando o ensaio sobre o riso de Henri Bergson, escrito num tempo em que o humor fazia-se sobretudo no teatro e no circo com o público físico presente, observa que o esforço artístico do humorista necessita do riso da platéia. “Que com o riso, o público restaure a ordem que ele desconcertou”.<sup>25</sup> Na paródia do programa televisivo, estabelecia-se os dois momentos distanciados em termos físicos e cronológicos: primeiro, a interação face a face com a audiência durante as gravações públicas e, posteriormente, a exibição do programa editado na emissora com a suposta escuta dos ouvintes, reagindo com graça ou não.

A sonoridade, sob o ponto de vista da representação, estabelece relações com os objetos que pretende representar. A fisionomia da locução substitui a mímica dos traços a

---

<sup>21</sup> A receita do galeto. Iotti. 2001, p.162.

<sup>22</sup> Entrevista concedida por Iotti em 20.08.2002.

<sup>23</sup> Entrevista concedida por Iotti em 20.08.2002.

<sup>24</sup> Bender, Ivo. 1996, p. 17

nanquim. Prisioneiro de sua linguagem, o homem revela, pela voz, o grupo, o código cultural, sua subjetividade, o contexto comunicativo. Cria-se um subtexto nas curvas melódicas, no ritmo e nas ênfases a fim de situar o ouvinte no cenário cultural pretendido.<sup>26</sup> O traço do Radicci, no rádio, é o volume excessivo de voz, o sotaque teatral da fala, as expressões regionais (a clássica despedida “estou deitando o cabelo”), a música italiana ao fundo. A eventual sonoplastia dos bichos e ruídos do campo, evocando a paisagem predominante das tiras – a colônia -, contrasta com as referências ao cotidiano urbano, com o diálogo do personagem e os jovens produtores do estúdio, configurando um típico programa para uma assistência despreocupada e de pouca idade, típico segmento desse formato em FM.

*Radicci - Qualquer comida fica boa com ovo frito por cima, tu não acha? Se tu fizer uma lagosta, que é uma comida chique, mas é uma comida sem graça... Agora põe um ovo frito por cima...*

*Ouvinte – E um feijãozinho preto...*

*Radicci – Máááááá, feijão com massa.*

*(...)*

*Radicci – Ô gurri, feijão, massa, um ovo frito, um prato fundo e uma colher, hem??? (...) Qual é o teu prato favorito?*

*Ouvinte – O meu é churasco.*

*Radicci – O meu é prato fundo (...)*

Para o criador, a interatividade permitida pelo veículo impôs uma profunda diferença na concepção e recepção do personagem. No caso do jornal, sente-se o riso sóbrio, a distância física e contextual em relação ao universo ficcional, característica da vivência introspectiva da leitura. Enquanto na primeira experiência o protagonista ocupa um espaço mínimo no suporte impresso e fornece linhas precisas para o imaginário do leitor, a propagação sonora induz a uma intimidade corporal. A audição é interativa, não isola o sujeito do objeto da percepção. Ao contrário, a voz atordoante de Radicci em tempo real estimula uma reação agitada, interage com o corpo e a mente do ouvinte, ocupa seu espaço físico. Se na construção reservada do humor gráfico é preciso uma lógica racional para desencadear o riso, a graça do programa radiofônico advém da zoeira auditiva, da gritaria, do *nonsense*, da colagem improvisada de sons, algumas vezes em tom lúdico, outras em tom grosseiro. É como se Radicci adentrasse num cenário de características sensoriais e arquetípicas, o mundo atávico

---

<sup>25</sup> Ferraz, Nivaldo. 2001. p. 56

<sup>26</sup> Meditsch, Eduardo. 1999, p. 179; 184-185



da oralidade, matéria-prima do seu humor. Por meio do rádio, Iotti transforma o colono em um repentista, alguém que precisa ter sempre uma resposta pronta. Apoiado no caráter rude do anfitrião, o programa, muitas vezes, abusa da agressividade, sintonizando-se com tendências contemporâneas do veículo, ou seja, o humor escatológico e de conotação sexual.<sup>27</sup>

Radicci – *Quem é?*

Ouvinte – *Gabriel.*

Radicci – *Oi Gabriel.*

Ouvinte – *Quer dizer que tu não vai mais dar nada?*

Radicci – *Vou sim (barulhos de tiros). Dei uns tirinhos, pronto... Cala a boca, não me enche o saco, tô irritado...(desliga o telefone)*

---

Radicci – *Ô gurri... o que se faz aí em Dois Irmãos, além de tomar chops?*

Ouvinte – *Se come lingüiça.*

Radicci – *Óia, abre o olho...*

Ouvinte – *Ah, depende da lingüiça...*

Radicci – *É verdade...*

Ouvinte – *Tem as alemoa também.*

Radicci – *Ah, bom. Mas tu falou primeiro nas lingüiça e deixou as alemoa de lado. Tu é mais engatado numa alemoa ou numa lingüiça? (...)*

A personalidade rígida do personagem transposta para o apresentador, já previamente conhecida pelos quadrinhos ou pela audição do programa, define a possibilidade latente (violenta ou lúdica) do espaço de interação pública.

---

<sup>27</sup> Cf. estudos de Maurício Nogueira Tavares e Nivaldo Ferraz.



## Agressividade secular

Quando transita no limiar entre o cômico e a violência, com a licença de quem fala o que quer no rádio, Radicci bebe na fonte da velha *beffa* de raízes italianas, que transformou a Florença medieval na capital das brincadeiras violentas e de mau gosto (“la capitale de la *beffa*).<sup>28</sup> Fruto de uma cultura competitiva, “ou da trapaça”, essa perigosa fronteira entre o engano inofensivo e a humilhação demonstrava o limite generoso do lúdico e da diversão. Tal hábito cultural, no entanto, seria reprimido aos poucos, dando lugar, no início dos séculos XVI e XVII, a uma graça espirituosa e de humor verbal usufruída, pelo menos, na elite social das cidades italianas.<sup>29</sup>

Nem por isso a prática das brincadeiras grosseiras desapareceram. Sobreviveram aos séculos e se instalaram como um dos padrões formais e mercadológicos dos meios de comunicação de massa.<sup>30</sup> No programa sem rumo de uma rádio jovem, marcado pela gritaria e pelo barulho intermitente do telefone, há sempre a obrigação da brincadeira de sugestão sexual. A ênfase nesse tipo de humor ganha fôlego em conversas eventuais com Pedro Ernesto Denardin (Show dos Esportes) nas noites da rádio Gaúcha AM. A audiência de Radicci cresce num programa feito principalmente para o público masculino e para quem gosta de ir além do detalhamento do joelho, da panturrilha e do destino dos jogadores de futebol.

Em *Demo via, let's go*, Iotti explica a agressividade pelo tipo de ouvinte e de região. Lembra que quando fazia o programa na Felusp, depois Pop Rock, abrangendo a região metropolitana de Porto Alegre, a conversa adquiria um caráter mais ameno, deixando espaço até para recuperar memórias de infâncias. Na região de Caxias do Sul, na opinião do cartunista, os interlocutores sublinham o caráter agressivo do personagem. A abordagem do ouvinte dará o tom do possível diálogo.

Ouvinte – *Cala a boca.* (desliga o telefone)

Radicci – *Ai, tá nervosa negrón? Vai tomá um chá de cidró!*

---

<sup>28</sup> Cf. Burke, Peter. 2000, p.99 e Ferraz, Nivaldo. 2001, p.240

<sup>29</sup> Burke, Peter. 2000, p.99-108

<sup>30</sup> Cf. Nivaldo Ferraz e Maurício Nogueira Tavares



(Barulhos de tiro) *Toma isso também... Paiaço, tá pensando o quê? Que berimbau é gaita? Fucinho de porco é tomada? Poste vai mijá nos cachoro? Nem pensá, te some daqui!!!!*

Produtor estúdio – *O idiota ligou de celular... (...)*

De prontidão, como se estivesse armado com espingardas de matar passarinho, Radicci tem uma espécie de radar para detectar o interlocutor: “ Eu penso, esse cara vai me aprontar. Aí eu já saio sacaneando”.<sup>31</sup> Essa agressividade latente fica ainda mais permissiva com a ausência da interlocutora Genevova, super ego de Radicci, representante da ordem e das regras de sociabilidade no universo provinciano. O embate entre os dois, nos quadrinhos, gera o efeito cômico.

Por outro lado, o objetivo do ouvinte, expresso também na fisionomia de voz, pode levar o apresentador a uma conversa bem-humorada, ao lado cativante de sua personalidade. No resultado geral, o programa segue a linha do humor descompromissado das FMS, sem maiores propósitos além de criar bobagens e rir do ridículo que se ouve.

Radicci – *Quem fala?*

Ouvinte – *Leticiaaaaa*

Radicci – *Alô Leticiaaa ( barulho de buzina de caminhão ao fundo) Da onde?*

Ouvinte – *Caxias.*

Radicci – *Caxias (buzina de caminhão)..*

Ouvinte – *Que louco...*

Radicci – *O que tu tá fazendo?*

Ouvinte – *Nada, tô te ouvindo.*

Radicci – *Leticia não tá fazendo nada!!! Heeeee!!! (buzina de caminhão) E hoje de noite, Leticiaaaaaaaaaaaaa, o que tu vai fazer???*

Ouvinte – *Vou ir pra Orion.*

Radicci – *Heeeeeeee!!!! (buzina de caminhão) Muito bene, sensacional... tu vai com que roupa Leticiaaaaaaa??*

Ouvinte – *Vou de calça preta.*

---

<sup>31</sup> Entrevista concedida por Iotti em 20.08.2002



Radicci - *Heeeeeeee!!!* (buzina de caminhão) *Namorado ou sem namorado*  
*Letíciaaaaaa??*

Ouvinte – *Vou sem namorado.*

Radicci – *Heeeeeeeeeeee!!!* (buzina de caminhão) *Vai tomar uma cervejinha ou*  
*um Red Bulls??*

Ouvinte – *Um suco de laranja.*

Radicci – *Heeeeeeeeeeee!!!* (buzina de caminhão). *Que mais Letíciaaaa? Vai*  
*voltar solteira ou vai arrumar alguma confusão na área??*

Ouvinte – *Vou voltar solteira.*

Radicci – *Heeeeeeeeeeeeeeeeeeee!!!* (buzina de caminhão ao fundo). *Muito*  
*bene!!!*

Ouvinte – *A não ser que tu vá comigo!!!*

Radicci – *Sensacionaallllllllllll* (barulho de buzina de caminhão ao fundo).

Ouvinte – *Cara, tu é muito lindo!!!*

Radicci – *Letíciaaaaaa, se encontremo lá...(...)*<sup>32</sup>

## Reminiscências

Quando fala na origem do Radicci, além de citar a visão epifânica de um casal nas ruas de Caxias do Sul (a mulher gorda na frente, o homem de chinelas e de sacolas atrás), Iotti sempre enfatiza o quanto era pejorativo ser chamado de *colono* em plena década de 80. O personagem nasceu como uma revanche a tal estigma, acompanhando a chamada “explosão festiva de italianidade”.<sup>33</sup> Segundo Bier, ao longo do complexo processo de integração das correntes imigratórias no sul, os descendentes de alemães e italianos assimilaram, durante décadas, uma imagem negativa sobre si mesmos a partir da relação com outros estratos da sociedade gaúcha. Envergonhavam-se do estigma de *colonos* em relação aos grupos urbanizados e, sob determinado ponto de vista, mais bem sucedidos.<sup>34</sup> Dentro do conjunto de estereótipos criado em torno dos grupos étnicos, os humoristas lançaram mão de tais estratégias discursivas para provocar o riso no espaço antes reservado para a ofensa.<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> As citações de *Demo via let's go* foram todas retiradas do programa exibido em 06.12.2002

<sup>33</sup> Manfrói, Olívio. 1999. p.45

<sup>34</sup> Bier, Augusto. 2001, p.47

<sup>35</sup> Bier, Augusto. 2001, p.53



Dentro do percurso comunitário, o rádio foi estratégico para remexer o passado no aconchego de quem vai a um filó.<sup>36</sup> Veículo pleno de oralidade, expandiu o dialeto, linguagem dos afetos,<sup>37</sup> e as palavras-chave capazes de despertar um universo reminiscente de sentidos para os descendentes de imigrantes. Até hoje, os programas em *talian* são sistemáticos na grade de programação das rádios regionais e motivo de análise na presente pesquisa desenvolvida no Departamento de Comunicação da Universidade de Caxias do Sul. É importante lembrar que, dentro das estratégias de segurança nacional do período Getúlio Vargas, a região sofreu um duro processo repressor, precisando abolir do corpo, da memória e da voz as palavras em dialeto, em italiano e o sotaque revelador da origem.

Ao mapear as peculiaridades do rádio regional, a presente pesquisa tem se defrontado com produções e formatos que guardam vestígios significativos da forte cultura imigratória e sua relação com o espaço urbano. Como exemplo, temos o principal radiojornal da cidade de Caxias do Sul que trata o anúncio fúnebre como notícia, repetindo o velho alto-falante da praça<sup>38</sup>. Ou as orações (terço e Ave-Maria) e mensagens religiosas que simulam o ritual do *Angelus*, às seis da tarde, hábitos cultuados por quem chegou muito mais como um católico do que como deserdado de uma nação específica.

Se o rádio é um veículo tão íntimo da cidade, pontuando sua respiração, ritmo, fala e preocupações cotidianas, nada mais representativo do que Radicci ter o seu horário cativo em Caxias do Sul. Ao citar o personagem Hagar como exemplo, o cartunista caxiense acredita que seu gringo tem a capacidade de ser entendido em qualquer lugar, carregando consigo elementos de universo e de província.

Bergson escreveu que o riso não atingiria seu objetivo se carregasse a marca da solidariedade e da bondade. O mesmo filósofo, no entanto, alertou para o quanto o humor deveria dirigir-se à inteligência<sup>39</sup> Ao abalar o princípio do sério, do controle e da rigidez, tal mecanismo pode levar o homem ao estágio amplo da relatividade, da alternância e da renovação.<sup>40</sup> Se o humor tem essa capacidade libertária de olhar a si próprio com a

---

<sup>36</sup> Segundo Rovílio Costa, nas colônias italianas, o filó era uma atividade da noite ou do anoitecer, envolvendo o preparo da comida, conversas, rememoração, trabalhos manuais, o contar histórias, sociabilidade entre família e vizinhos, além da reza.

<sup>37</sup> Itaquí, José. 1999, p.340

<sup>38</sup> Verificar Golin, Cida e Kreisner, Maria da Graça, Intercom/ Mídia Sonora/ 2002.

<sup>39</sup> Bergson, Henri. 1993, p.18-19;101.

<sup>40</sup> Fernando Alfonso de Almeida apud Bier. 2001, p.53



inteligência do distanciamento, o legado das histórias gráficas de Radicci são exemplares na expiação pelo riso daquilo que um dia já foi motivo de vergonha e de baixa estima. É uma pena que no rádio, apesar das possibilidades infinitas e lúdicas desse veículo, a fala espontânea do personagem colono e o pouco planejamento resvalem, muitas vezes, para a pouca criatividade e o gosto amargo de quem faz uma salada apenas de *radicci*.

### Referências Bibliográficas

- BENDER, Ivo. *Comédia e riso: uma poética do teatro cômico*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/EDPUCRS, 1996.
- BERGSON, Henri. *O riso – ensaio sobre o significado do cômico*. Lisboa: Guimarães Editora, 1993.
- BIER, Augusto Frank. *O desenho de humor no resgate da identidade cultural*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação/ FABICO, UFRGS, Porto Alegre, dezembro de 2001.
- BURKE, Peter. Fronteiras do cômico nos primórdios da Itália moderna. In: BREMMER, Jan et al. *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CESA, Ana Lúcia et al. O recalçamento do dialeto: seu retorno num lugar outro. In: COSTA, Ana Maria et al. (Org.) *Imigração e fundações*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
- COSTA, Rovílio. Filó: uma experiência de paraíso. In: MAESTRI, Mário. *Nós, os italo-gaúchos*. 2 ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998.
- FERRAZ, Nivaldo. *Humor no rádio brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicação e Artes/USP, São Paulo, 2001.
- GOLIN, Cida e KREISNER, Maria da Graça. *O rádio é a cidade: o anúncio da morte ao meio-dia*, paper Intercom/Mídia Sonora, 2002.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- IOTTI, Carlos Henrique. *Mixórdia: o menos pior do Radicci*. Porto Alegre: L&PM, 2001
- ITAQUI, José. Míseri Coloni (teatro em dialeto vênето do Rio Grande do Sul). IN: DAL BÓ, Juventino et al. *Anais do simpósio internacional sobre imigração italiana e Anais do IX fórum de estudos italo-brasileiros*. Caxias do Sul: Educs, 1999.



MAESTRI, Mário. A travessia e a mata: memória e história. In: DAL BÓ, Juventino et al. *Anais do simpósio internacional sobre imigração italiana e Anais do IX fórum de estudos ítalo-brasileiros*. Caxias do Sul: Educs, 1999.

MANFRÓI, Olívio. Imigração e nacionalismo. In: DAL BÓ, Juventino et al. *Anais do simpósio internacional sobre imigração italiana e Anais do IX fórum de estudos ítalo-brasileiros*. Caxias do Sul: Educs, 1999.

MEDISTCH, Eduardo. *A rádio na era da informação. Teoria e técnica do novo radiojornalismo*. Coimbra: Minerva, 1999.

RIBEIRO, Cleodes Piazza J. A construção da identidade na cultura da imigração italiana no Rio Grande do Sul. In: COSTA, Ana Maria et al. (Org.) *Imigração e fundações*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

\_\_\_\_\_. *Nanetto Pipetta - imagens de uma cultura*. Dissertação de Mestrado, PPG em Letras/PUCRS, Porto Alegre, 1978.

TAVARES, Maurício Nogueira. *A paródia no rádio*. Paper Intercom, Núcleo de Mídia Sonora.

\_\_\_\_\_. *O humor na rede: AM/FM/Internet*. Paper Intercom, Núcleo de Mídia Sonora, 2000.